



Francisco Simões
Investigador auxiliar do ISCTE

A arte de conceder

Hoje não será, ainda, o dia das grandes decisões na América. Noutra época não muito distante, seria assim. Em 2008, por exemplo, John McCain, fez o que lhe competia. Na hora da derrota, agradeceu a quem acreditou no projeto dele, antes de saudar o vencedor. No entanto, fez um pouco mais do que isso. Assim que pronunciou o nome de Barack Obama, a multidão começou a apupar. Ele, de imediato, não só rejeitou que os seus apoiantes vaiassem o candidato vencedor como rematou referindo-se ao oponente como um bom homem com quem, por acaso, discordava em toda a linha.

Semanas antes, nessa mesma campanha para as presidenciais, ambos participaram no *Al Smith Charity Dinner*, um evento organizado em Nova Iorque para o qual são habitualmente convidados os candidatos democrata e republi-

cano. Nessa ocasião, espera-se que os candidatos reduzam o antagonismo a suave e fina ironia a respeito do adversário que, com bonomia, recebe os golpes. Esse jantar, em 2008, é uma lição

Discordar do oponente e, ainda assim, respeitá-lo ao ponto de aceitar a derrota é bem mais difícil. Esse deveria ser, todavia, o destino da política.

de convivialidade democrática e bom humor. Sim, humor e da mais elevada qualidade, superior ao de muitos comediantes da atualidade.

Este ano, apenas Trump esteve presente no *Al Smith Charity Dinner*. Entretanto, todos conhecemos o percur-

so até aqui de uma América polarizada. As divisões? Essas são cada vez mais complexas, com o eleitorado escolhendo lados em função não apenas da proveniência rural ou urbana ou da etnia, mas também do sexo, das habilitações e da idade. Entretanto, contados os votos, Trump ganhará sempre ou pelo menos assim o reclamará. A sua declaração de vitória vem sendo forjada há muito tempo, desde a substituição de mais de um terço de juizes estaduais convenientemente alinhados com visões ultraconservadoras, ainda durante o seu mandato, até aos múltiplos processos judiciais iniciados contra o processo eleitoral, nomeadamente no que diz respeito ao registo de eleitores, em particular nos chamados *swing states*.

Chegados aqui, percebemos que o ato supremo da democracia não é vencer ou reclamar vitória. O ato supremo, talvez mesmo uma arte, é saber conceder e sair

de cena, apaziguando hostes e preparando a transição de poder. A rivalidade política contemporânea rodeia-se de falsidades e impede que a concessão seja sequer uma possibilidade.

A rivalidade de McCain e Obama não abrandou nos anos em que este último foi presidente. Mas a amizade para além das divergências foi crescendo entre duas pessoas e duas Américas que não poderiam ser mais diferentes. Obama foi mesmo convidado a fazer o elogio fúnebre de McCain – talvez um dos seus melhores discursos. Amar o próximo é fácil, até porque escolhemos amar quem nos interessa. Discordar do oponente e, ainda assim, respeitá-lo ao ponto de aceitar a derrota é bem mais difícil. Esse deveria ser, todavia, o destino da política. ■